

4. EDUCAÇÃO COMO UM PROCESSO COMUNITÁRIO: Um resgate de algumas ideias de pensadores preocupados com uma educação integral, inclusiva e libertadora.

Claudecir José Jaques¹²; Iara Lopes da Silva¹³

RESUMO

Educação é um processo muitas vezes mal compreendido e quase sempre mal aplicado. Dificilmente veem-se processos educativos que de fato visem à construção da cidadania. O que mais se observa são professores, escolas e outras instituições repetindo o velho modelo do ensino tradicional, ou seja, mera transmissão de conhecimento. Muitos pensadores, de antes e de agora, dão boas noções de um modelo de educação que parte da ideia de que ela é um processo de construção coletiva. Não pode jamais ser apenas uma obra individual em que, geralmente, o professor é o centro, o detentor da verdade. Conhecimento é construção e não repasse. Desse modo, a educação é comunitária e tem como fim a construção da própria comunidade.

Palavras-Chave: Educação, Comunidade, Cidadania.

ABSTRACT

Education is a process often misunderstood and almost always misapplied. Educational processes that aims at the construction of citizenship are hardly seen actually. The most noticed refers to teachers, schools and other institutions repeating the old model of traditional education, i.e., the mere transmission of knowledge. Many thinkers, from before and nowadays, give good notions of a model of education that starts from the idea that it is a process of collective construction. It can never be just an individual work, in which, in general, the teacher is the center, the holder of truth. Knowledge is construction, not transferring. Thus, education is a communitary process and aims at the construction of their own community.

Key-Words: Education, Community, Citizenship.

INTRODUÇÃO

Este texto, além de pretender abordar a educação escolar como um dos caminhos possíveis para o amadurecimento da cidadania que leva a uma consciência e prática comunitária efetiva, busca inspiração em grandes autores reconhecidos na literatura sobre a educação inclusiva. Ele apresenta reflexões à luz de alguns pensadores que há algum tempo tem proposto uma práxis educativa processual coletiva, emancipatória e engajadora. Emancipatória, por se tratar de pedagogias de libertação e autonomia. Engajadora, por conduzir os emancipados à consciência coletiva para a vida em pequenas e grandes

¹² Professor de Ciências da Religião da Faculdade Católica do Tocantins, formado em Filosofia e Especialista em Docência do Ensino Superior – claudedir@catolica-to.edu.br.

¹³ Professora de Língua Portuguesa do Colégio Militar de Palmas, formada em Letras e Especialista em Docência do Ensino Superior – cmp.prof.iaralopes@gmail.com.

comunidades, passando por grupos de pesquisa e convívio, ampliando-se para uma postura de planetarização.

A educação aqui é entendida como um processo que nasce (ou deveria nascer) dentro da comunidade para o bem dela própria e em benefício planetário. É uma concepção que resgata a integralidade e a autenticidade do processo educativo, pois educação não é apenas transmissão, não é apenas ensino. Não se trata de uma estrada de mão única e nem funciona como o um correio, que tem um emissor e um receptor. A educação é apresentada aqui como um processo em contínua construção e que envolve ao mesmo tempo todo um conjunto de elementos, fatores e estruturas que compõem a vida de uma comunidade organizada. Ela só acontecerá se o diálogo – educação e comunidade – for constante e efetivo. Em outras palavras, a comunidade constrói educação e a educação constrói comunhão.

A experiência que se tem no campo da educação, especialmente escolar, é em grande parte reprodutora de um sistema que conduz a uma vida individualista e competitiva. Poucas são as ações e os projetos voltados à ideia de comunhão que aparecem no cenário mundial. Talvez isso ocorra devido à dificuldade que se tenha em implementar tais ações, pois o processo é mais demorado e não se é possível observar de imediato os resultados esperados. A cultura vigente é imediatista e, desse modo, quando um projeto é empregado as expectativas acabam superando os resultados reais em curto prazo. Lamentavelmente, a própria mentalidade dos trabalhadores em educação ou outros envolvidos nas políticas educacionais, macro e micro, está contaminada por concepções mercadológicas, produtivistas e reprodutivistas.

EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL

A educação, distante de uma compreensão reducionista, é um processo tão envolvente que mexe com todos os pontos da vida comunitária. Todas as dimensões sociais, econômica, política, cultural, religiosa e profissional fazem parte de forma integral e integrada do processo construtivo de educação. Quando o processo educativo é visto apenas sob um aspecto ou como uma construção individual, torna-se reducionista e incompleto, ou seja, não acontece.

O “educador mor” Paulo Freire (1996, p.110-111), em seus escritos sobre a educação, discorre sobre o poder que ela tem de intervir no mundo, tanto para manter quanto para mudar estruturas e ideologias dominantes.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante.

Sabidamente Paulo Freire destaca o poder de intervenção social da educação, não esquecendo que o ato de educar pode servir tanto para sustentar como para destruir ideologias. Como a sociedade é diversa, com grupos de interesses opostos, a educação é um bom instrumento para ajudar ou prejudicar grupos interessados em estabelecerem-se no poder. Porém, por mais que se busque o respeito à diversidade, existem processos educacionais que conduzem a humanidade a um declínio civilizatório por não construírem cidadania autônoma e planetária e sim, cooperarem para a instalação de dependências populares e imposições de ideologias questionáveis.

Uma pedagogia que conduza à autonomia dos cidadãos e ao pensamento comunitário é perceptivelmente mais saudável para a vida da coletividade e para a sustentabilidade

humana na terra. Ela educa cidadãos para a responsabilidade e o compromisso não só com seu bem-estar desintegrado do conjunto, mas com a humanidade numa concepção/ação inclusiva e integradora.

Alguns pensadores destoam da cultura educacional vigente, são pedagogos, filósofos, sociólogos e antropólogos que apresentam ideias revolucionárias no campo da educação. Não preocupados com respostas imediatas, investem em pesquisa e reflexão objetivando resgatar a dimensão comunitária da humanidade, que parece estar definhando rumo a um individualismo tão necessário a um sistema capitalista neoliberal que se implantou no ocidente e conquista também o oriente.

EDUCAÇÃO EM PROJETOS TRANSFORMADORES

Há pequenos projetos implantados com uma concepção comunitária que merecem ser valorizados e impulsionados. São poucos, perto do que se é preciso para uma transformação efetiva da sociedade, mas são sementes para um futuro diferente. Estes projetos se encontram especialmente em comunidades pequenas, de bairros, de assentamentos e de cooperativas. Nestes ambientes se podem perceber processos educacionais que conduzem os cidadãos a ações e pensamentos inclusivos e libertários. Um projeto interessante nesta linha de pensamento que é fruto de uma educação para a comunidade é o da “economia solidária”, que já vem se instalando em pequenas comunidades e colhendo seus primeiros frutos. Ela é consequência de um modelo inclusivo de educação e ao mesmo tempo ela é causa para uma mudança no modelo de pensamento e educação, especialmente no Brasil, onde ela está presente há alguns anos.

Há projetos dentro de instituições tradicionais que são também inclusivos e libertadores. Em geral, estão inseridos num ambiente não muito favorável, pois todo o resto da instituição trabalha em outra linha, ou seja, numa linha de educação conservadora, limitadora e excludente. Esses projetos nascem de sonhos e concepções diferentes que tentam resgatar um jeito mais coletivo de educação. Nem sempre os resultados se tornam visíveis, pois são gotas em um oceano de conservadorismo. No entanto, sobrevivem por ser o que se tem de mais nobre em educação, pois a educação só faz sentido se contribuir para a libertação e a inclusão humana. Caso contrário, estar-se-á contribuindo para a desestruturação e a exclusão social. Não parece ser esse o desejo de todos. Na teoria todos querem construção, mas na prática executamos a reprodução.

EDUCAÇÃO INTEGRAL NUMA REALIDADE DIALÉTICA E COMPLEXA

Neste caminho de integração humana, Edgar Morin (2011, p.100-101) nos auxilia de forma brilhante com sua concepção abrangente sobre a complexidade humana e a busca de uma consciência planetária. Em suas constatações ele afirma com propriedade que salvar a humanidade é construir relações e consciências complexas e integradoras.

A humanidade deixou de constituir uma noção apenas biológica e deve ser, ao mesmo tempo, plenamente reconhecida em sua inclusão indissociável na biosfera; a humanidade deixou de constituir uma noção sem raízes: está enraizada em uma ‘Pátria’, a Terra, e a *Terra é uma Pátria em perigo*. A humanidade deixou de constituir uma noção abstrata: é realidade vital, pois está, doravante, pela primeira vez, ameaçada de morte; a Humanidade deixou de constituir uma noção somente ideal, tornou-se uma comunidade de destino, e somente a consciência desta comunidade pode conduzi-la a uma comunidade de vida; a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo, uma noção ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um. Enquanto a espécie humana continua sua aventura sob ameaça de autodestruição, o imperativo tornou-se salvar a Humanidade, realizando-a.

Diante do acesso às informações, do acesso a produtos e bens culturais, das possibilidades de acesso à instrução, o ser humano teve a oportunidade de se autodesenvolver de tal modo que a consciência comunitária global já deveria ser realidade. Porém, correm dentro das veias sociais movimentos fortes de ignorância desta conclusão. Parece ser simples constatar que a humanidade necessita de posturas e consciências mais amplas e integradoras, pois, infelizmente, ainda vive o ser humano diante de necessidades individualistas, burguesas e excludentes, em um meio em que educação tida como de qualidade é um bem para poucos.

O ser humano ainda se mantém numa postura fragmentária, colonialista e corporativista, ou seja, cada um possui seus interesses e quem quiser que imponha o seu interesse sobre a maioria. Por uma questão de tradição, a educação vista como simples transmissão de conhecimentos auxilia as classes dominantes a manterem sua hegemonia, afinal, a educação que transforma e liberta faz com que os humanos, diante de uma nova autonomia, sintam-se capazes de lutar efetivamente contra as ideologias prevalecentes, buscando incessantemente a manutenção de seus direitos.

Neste sentido, é importante verificar que a educação, uma vez empossada por pessoas com mentalidade fragmentária e interesses egocêntricos, será um instrumento poderoso para reproduzir este sistema insustentável e desumano que há anos perdura, com raras exceções. Incoerentemente a uma busca por mudanças educacionais, percebe-se que pessoas com esta mentalidade estão colocadas em lugares estratégicos e decisivos, não deixando a reflexão e a concepção mais humanitária se tornar prática definitiva no âmbito educacional. Diante de tal cenário, o desânimo só não atinge quem se ampara em compreensões mais amplas e, com coragem, enfrenta esta onda desumanizante que submerge a humanidade em práticas educacionais há muito tempo consideradas perversas e alienantes.

EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO ECOLÓGICA

Além do pensamento voltado para comunidade dos humanos, a educação deve conduzir a uma ampliação do leque de relações humanas, a uma visão mais planetária, onde se incluem outros seres e elementos importantes deste universo em que todos estão inseridos. Chamamos a isso de consciência ecológica, que promove a percepção da relação existente entre todos os seres e elementos presentes no “oikos”, ou seja, na casa de todos.

Contribui muito nesta reflexão o escritor Leonardo Boff (2008, p.21-22) ao tratar em seus estudos cosmológicos da ideia de que cada ser constitui um elo de uma imensa cadeia cósmica. A humanidade é, segundo ele, uma comunidade só. Isso inclui todos os seres do planeta.

Ao afirmar a interdependência entre todos os seres, a ecologia funcionaliza todas as hierarquias e nega o ‘direito’ do mais forte. Todos os seres, por mais microscópicos que sejam, possuem sua relativa autonomia e contam com ela. Nada é supérfluo ou marginal. Tem futuro não simplesmente o maior e o mais forte, mais o que tiver mais capacidade de relação e disponibilidade de adaptação. Por não terem essa capacidade, os maiores seres da criação, os dinossauros, desapareceram da face da Terra. Cada ser constitui um elo de uma imensa cadeia cósmica. Numa perspectiva da fé, as coisas já existem antes da grande explosão ou inflamação, há cerca de 15 bilhões de anos; nós estávamos no coração de Deus. De lá viemos e para lá retornaremos.

Assim, conduzir a uma compreensão planetária da vida é tarefa de educadores de profundo conhecimento, sensibilidade e de compromissos que vão além de uma mera e inadequada transmissão de ideias. Ser educador hoje é promover o olhar do educando para o encontro com o meio e com a diversidade. São raros os educadores que percebem a educação como um espaço de relações, construções e conflitos salutares que levam todos a compreenderem a totalidade e a interdependência dos seres. Isso se sucede desde os primeiros

momentos em que se desenvolvem as relações educativas, que podem ocorrer em casa, na sala de aula, ou em outro espaço em que também se promova a produção de conhecimento, inclusive no convívio social e na relação com o ambiente circundante.

Olhar não só a humanidade, mas o universo, sob o enfoque da interdependência de todos os elementos requer uma compreensão das relações sociais, ecológicas e espirituais na complexidade e na diversidade de tudo. Esta compreensão não ocorre no ser humano num movimento espontâneo e nem de forma imediata e descontínua. É um processo que exige tempo, contexto, desprendimento e disposição interna para esta nova mentalidade. Para a construção desta postura cidadã comunitária exige-se dos educadores e educandos mudança de paradigmas trazidos das relações com outras posturas viciadas e reducionistas. A mudança é gradativa, dolorosa e permanente. Os envolvidos nesta batalha educacional precisam estar dispostos a saírem de sua zona de conforto, do seu meio individual e se lançarem na zona de risco onde nada é pré-estabelecido, a não ser o respeito à diversidade e à construção de ambientes comunitários crescentes.

EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA

Num ambiente educacional onde se quer compreensões ampliadas, a tolerância ou, como dizia Tomás de Aquino “a paciência com aquilo que parece desagradável”, deve se exercer com persistência, combatendo os movimentos espontâneos de repulsa e discriminação a ideias e situações diferentes do modo de compreensão vigente.

Educar para a vida em comunidade exige o respeito à diversidade e a aceitação dos conflitos não só ideológicos, mas de todos os aspectos dinâmicos e dialéticos em que a humanidade está inserida.

O respeito à diversidade é um dos pontos centrais quando se trata da educação para a vida em comunidade. Nada pode ser imposto como um saber universal inviolável. Todos os conhecimentos, tanto científicos como populares, devem estar abertos à discussão, ao contraditório. Para se viver em comunidade exige-se dos seus integrantes abertura para o diálogo, para o diferente e para as oposições. Se não houver esta flexibilidade e relativização nos processos de produção de conhecimentos poder-se-á criar comunidades sectárias e etnocêntricas.

EDUCAÇÃO, SOLIDARIEDADE E PODER

Pedro Demo (2002, p.22-23), em seu livro ‘Solidariedade como efeito de poder’, contribui bastante para o pensamento de não se direcionar a discussões fechadas e dogmáticas em relação à complexa vida social. Ele comenta que a solidariedade, por exemplo, pode servir tanto para quem está no poder, como para quem está excluído. Ao analisar sociedade, projetos sociais e ideias que perpassam, deve-se levar em consideração de forma imprescindível o contexto que envolve a questão.

A vida em sociedade, também a cotidiana, é de complexidade indevassável. Admite inúmeras interpretações e polêmicas, ainda que a presença natural de normas e de valores a padronizem rotineiramente, permitindo um dia a dia confiável. Precisamos da ordem para ter um mínimo de tranquilidade, mas é ela que faz a rotina. A dinâmica social se nutre do conflito, da unidade de contrários, mesclando encontros e desencontros, entendimentos e desentendimentos, idas e vindas, subidas e descidas. A solidariedade, por exemplo, é bem-vinda, eticamente considerada necessária, mas pode representar discurso dos dominantes para acalmar os excluídos. Menos que crítica da realidade atual, pode ser apenas efeito de poder, ao repor o mesmo e velho sentido colonialista de propostas advindas do centro. Nesse sentido, a crítica social é tipicamente hermenêutica: precisa de contexto, de

antecedentes históricos para ser formulada, não dispensada a subjetividade que sempre domina a cena, interpretada de um ponto de vista, é inevitavelmente reconstrutiva.

Vê-se então, que falar em convívio social ou vida comunitária requer deixar de lado concepções preconcebidas e descontextualizadas. Muitas vezes, na ânsia de recriar a vida comunitária, são feitas críticas a modelos estabelecidos e se impõem outros, usando a mesma pedagogia do modelo combatido. E mais, desconsideram-se aspectos do modelo anterior que são importantes para aquele contexto no qual está inserida a comunidade. Desse modo, propor vida comunitária é tão complexo quanto criticar modelos excludentes e dominadores, pois requer manter e reinventar propostas vigentes que oportunizam o crescimento do ser humano, uma vez que propor um novo modelo de educação não quer dizer desperdiçar absolutamente tudo o que já foi proposto.

É importante destacar que existem vários pensadores que propõem uma educação emancipatória e inclusiva. As reflexões mais recentes estão todas buscando ampliar o conceito de educação, verificando pontos frágeis nas políticas e práticas educacionais, onde se encontra um dilema: na teoria não é tão difícil ampliar a concepção de educação, o problema é quando ela encontra a realidade. Vários são os educadores com discurso paulofreiriano sobre educação, mas com prática educativa absolutamente reprodutivista. Há muitos institutos de ensino com filosofia construtivista, mas em seu cotidiano se aplica a pedagogia tradicional, a de transmissão do conhecimento. Infelizmente, encontrar práticas educacionais coerentes com concepções libertadoras é um pouco mais difícil. Porém, as poucas propostas pedagógicas sensatas existentes devem servir de referência para quem ousa mudar sua concepção e ação educativa.

A própria LDB vigente (Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, de dezembro de 1996) apresenta uma concepção bastante abrangente quanto à educação quando diz no caput do seu Art. 1º: “*A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.*” Ou seja, perante a lei a educação também é vista de forma ampla e diversa, contemplando todo o meio social. Logo, ninguém pode amedrontar-se em fazer um discurso, um projeto ou apresentar um modelo de educação com concepções ampliadas, é preciso partir para o combate à alienação imposta pelas classes dominantes.

EDUCAÇÃO E COMUNIDADE

Esta reflexão não seria tão rica se Paulo Freire (1987, p.39) não fosse novamente citado. Em sua outra importantíssima obra pedagógico-filosófica chamada ‘Pedagogia do Oprimido’ diz:

Desta maneira, o educado já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessitam de estar *sendo* com as liberdades e não contra elas.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a se mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos.

Aqui está o que poderia se chamar de síntese magistral do que é o processo de educação entendido como construção comunitária. O nobre autor, nesta obra, além de fazer

uma crítica ao modelo tradicional, que ele chama de ‘bancário’, em que o educando não passa de um mero receptor de conhecimentos reproduzidos, aponta decisivamente para um modelo de educação não contrário, mas muito mais amplo.

No modelo Paulo freiriano não existe um receptor nem um transmissor. Existe uma comunidade que se constrói e se educa. A educação, neste modo de conceber, acontece com muitos elementos interagindo. Além das pessoas envolvidas, ainda há as condições políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas que interferem nesta construção.

Conceber e vivenciar a educação com esta amplitude requer, da parte de todos, despimento de concepções e práticas reducionistas que levam as pessoas não a uma educação libertadora, mas a uma ignorância escravizante e desumanizante. O ser humano não pode ser visto como um animal para adestramento, nem como uma máquina que obedece a comandos e repetições.

No entanto, as práticas educacionais que são vistas em boa parte das instituições, estão ainda bem distantes de uma educação libertadora e comunitária. Percebem-se práticas tradicionais ou ‘bancárias’, como diz Paulo Freire, que em muitos casos se fossem comparadas às práticas medievais de ensino, nem aí chegariam. Muitos educadores e instituições buscam o caminho mais curto e fácil. Pensam estar educando para o crescimento do ser humano. Porém limitam, escravizam e desumanizam as suas ‘vítimas’. Aqui é usado o termo “vítima” para tratar dos educandos que passivamente sofrem a ação de uma educação que tem sido opressora. É um verdadeiro crime político-sócio-cultural, pois mata a autonomia e a liberdade, que são os princípios e valores que mais caracterizam o ser humano.

Apesar de na prática parecer ainda ser difícil acontecer uma educação integral e autêntica, está claro que não há outro caminho quando se deseja construir um mundo sustentável. Ninguém consegue manter com argumentos convincentes a tese da educação bancária. O que falta é apenas partir da teoria para a prática. É uma viagem longa, mas já foi iniciada por alguns educadores com algumas comunidades.

CONCLUSÃO

O contexto é propício para ousar pôr em prática propostas pedagógicas libertadoras e inclusivas que vêm sendo construídas desde Paulo Freire. Muitos outros pensadores contribuem com isso, há projetos que estão dando certo e a própria lei favorece o pensamento diverso e inclusivo. Este artigo quis apontar positivamente em direção à possibilidade de se pensar a educação como construção comunitária e, ao mesmo tempo, construtora da própria vida comunitária. Esta dialética é o foco central deste estudo: vida comunitária construindo educação e educação construindo vida em comunidade.

Ficou claro neste texto, que esse processo dialético é tão simples de entender, mas tão difícil de aplicar. As pessoas concordam facilmente com a proposta e com a concepção comunitária de educação. Em muitos momentos ela parece ser até óbvia demais. Porém, quando se propõe a elaboração de projetos educativos tendo a inclusão, a integração e a complexidade como parâmetros, muitos desistem desse processo por ser mais comprometedor e se voltam para o que já se está fazendo há muito tempo, ou seja, excluindo, limitando e tornando os possíveis cidadãos meros indivíduos cumpridores de funções e repetidores do sistema.

É necessário encorajamento e apoio a pessoas e grupos com propostas de educação libertadora e coletiva. Estas pequenas sementes que estão sendo plantadas por poucos não podem morrer antes de germinar. É hora de regá-las para que nasçam e cresçam com força, contagiando a sociedade rumo a sua transformação.

REFERÊNCIAS:

- BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. São Paulo: Record, 2008.
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil – Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. Petrópolis: Vozes, 7ª Ed., 2002.
- DEMO, Pedro. **Solidariedade como efeito de poder**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 17ª Ed, 1987.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Edição revisada, 2011.

DIREITOS AUTORAIS

Os autores são os únicos responsáveis pelo conteúdo do material impresso incluídos neste trabalho.